

**Da aldeia para o mundo:  
a narrativa indígena no podcast Papo de Parente**

*From the village to the world:  
the indigenous narrative in the podcast Papo de Parente*

Gessiela Nascimento da SILVA<sup>1</sup>  
Quezia da Silva ALENCAR<sup>2</sup>  
Isabel Maria Lima de SOUSA<sup>3</sup>  
Ariel Santos da ROCHA<sup>4</sup>

### Resumo

Compreender as narrativas indígenas do podcast Papo de Parente, apresentado e editado por indígenas, com participação de personalidades notáveis que endereçam questões sobre a vida dos povos indígenas para os apresentadores do podcast, trata-se do objetivo central deste trabalho. Desta forma, organizamos um breve levantamento de iniciativas indígenas em todo o país e apresentamos um panorama sobre a invisibilidade dos povos tradicionais na mídia. A entrevista concedida por Tukumã Paxató, integrante do podcast analisado, nos ajuda a compreender como os nativos se organizam para produzir conteúdos em mídia sonora. A metodologia centra-se na Análise Audioestrutural do Podcast (SILVA, 2022), para uma definição de estrutura e temas abordados.

**Palavras-chave:** Papo de Parente. Mídia sonora. Povos Indígenas. Podcast.

### Abstract

Understanding the indigenous narratives of the podcast Papo de Parente, presented and edited by indigenous people, with the participation of notable personalities who address questions about the lives of indigenous peoples to the podcast hosts, is the central objective of this work. Thus, we organized a brief survey of indigenous initiatives throughout the country and presented an overview of the invisibility of traditional peoples in the media. The interview granted by Tukumã Paxató, a member of the analyzed podcast, helps us understand how the natives organize themselves to produce contents in

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão. Integra os Grupos de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp) e Rádio e Política no Maranhão (RPM). E-mail: gessielan@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão. Bolsista FAPEMA. Integra o Grupo de Pesquisa Jornalismo de Fôlego. E-mail: queziz.alencar@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Maranhão. Bolsista BATI/UEMASUL. Integra o Grupo de Pesquisa Imaginarium. E-mail: belbabassu@gmail.com

<sup>4</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão. Integra o Grupo de Pesquisa em Comunicação e Jornalismo (GCIBER). E-mail: arielrocha058@gmail.com

sound media. The methodology focuses on the Podcast Audiostructural Analysis (SILVA, 2022), for a definition of structure and themes addressed.

**Keywords:** Parenting Talk. Sound Media. Indigenous Peoples. Podcast.

## Introdução

Na comunidade indígena, o termo “parente” não estrutura exclusivamente a consanguinidade, sendo este utilizado para representar, reconhecer mutuamente e aos interesses coletivos (ADELCO, 2021). O vínculo entre si e com os outros têm como base a comunicação, dimensão esta que conduz tal pesquisa, tendo como objeto empírico o podcast *Papo de Parente*, cuja finalidade permeia o compartilhamento de histórias e a desmistificação do que é veiculado sobre a cultura indígena.

Em janeiro de 2021, o Grupo Globo promoveu o *AudioDay*, uma iniciativa para demarcar e expandir no mercado brasileiro, sua presença no cenário do áudio digital, com produções originais e de renome, como o podcast *Mamilos* e *Projeto Humanos*. O *Papo de Parente*, apresentado por Célia Xakriabá e Tukumã Pataxó, enquadra-se como um produto exclusivo.

Com isso, a proposta central desta pesquisa é identificar as narrativas abordadas no podcast *Papo de Parente*. Tendo como objetivos específicos o mapeamento dos episódios, seleção dos temas e fontes usadas. O percurso metodológico é baseado na Análise Audioestrutural do Podcast (SILVA, 2022) para traçar a estrutura do programa, fontes e o conteúdo. O recorte permeia o ano de 2021, entre setembro a novembro, com oito episódios.

## Um retrato brasileiro dos povos indígenas

A presença dos povos indígenas no território brasileiro é bem anterior à chegada e domínio dos conquistadores portugueses. Estima-se que os povos tradicionais habitavam as imediações deste país há mais de 12.000 anos antes dos colonizadores estabelecerem um primeiro contato. Contudo, ao longo da história do Brasil e das transformações implicadas na sociedade, duas visões opostas sobre os povos indígenas foram alimentadas: a metáfora de liberdade natural *versus* o indígena como entrave do progresso (ARRUDA, 2001).

Com a invasão e todo esse processo de colonização portuguesa das Américas, desde 1600 os povos originários enfrentam uma série de violências, como o genocídio – por conflitos violentos e as doenças trazidas pelos europeus – assim como o apagamento de sua identidade cultural. De acordo com Fávero (2008), com base as reflexões de Rodrigues (1993) e Fernão Cardim (1584), embora não haja como estabelecer números exatos, estima-se que quando os primeiros europeus chegaram no continente americano, projetava-se a existência de até 1175 línguas no território brasileiro naquele momento.

Essas línguas eram faladas por cerca de cinco milhões de indígenas habitantes da extensão territorial brasileira, população essa que imediatamente começou a ser reduzida mediante o primeiro contato com os invasores. Os nativos passaram então a sofrer um decréscimo drástico em seu número populacional.

Segundo Borges (2016), essas violências sofridas pelos povos originários eram naquele momento histórico e, continuam perdurando até hoje, na ordem física, moral, religiosa, territorial etc, estando entre elas o apagamento de sua voz na história oficial. A autora ressalta que a perspectiva indígena sempre foi apresentada a partir do ponto de vista do colonizador.

O pouco que nos chegou da voz indígena daquele tempo foi preservado através de grafismos, cantos e narrativas orais, registros pouco confiáveis do ponto de vista da tradição intelectual ocidental, com forte ênfase na escrita. (BORGES, 2016, p. 159)

Por conta desse modo de operar, baseado no sufocamento das vozes dos povos originários, silenciamento esse que perdura até os dias atuais, Neves *et al.* (2013) ressalta que a invenção de um indígena selvagem e irracional foi conduzida através do destaque da nudez e da antropofagia, nas cartas e imagens resultantes das expedições no contato entre colonizadores e as metrópoles européias. Sobre este ponto, o autor ressalta que “compreender como as produções midiáticas constroem, hoje, as diferentes identidades indígenas é fazer a história descontínua dos acontecimentos que envolvem estes povos e sua relação com as sociedades ocidentais. (NEVES *et al.*, 2013, p. 09)

Dessa maneira, todos esses fatores resultaram na morte de muitos indígenas desde a colonização, contribuindo para a dizimação de cerca de 70% da população nativa que habitava o Brasil. Em contrapartida a essas violências e ataques à identidade cultural temporalmente, quando olhamos para o cenário contemporâneo, a população indígena teve um crescimento considerável entre 1991 e 2010, segundo os censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Conforme os dados, em 1991 os indígenas

eram 294 mil e passaram para 896,9 mil em 2010. Porém, ainda com a progressão, os declarados indígenas representavam apenas 0,47% da população brasileira no último censo.

Arruda (2001, p. 45) comenta que apesar da verificação de que as sociedades indígenas não estão num estado terminal e, complementar à isso, são povos contemporâneos. Tal constatação não significa “que os processos socioeconômicos e políticos anti-indígenas não continuem predominantes, podendo levar à reversão dessas possibilidades” (ARRUDA, 2001, p. 45). O autor coloca como exemplo a legislação brasileira, que assimila os grupos indígenas à população brasileira como cidadãos sem identidade étnica específica. Essa assimilação sem particularidades não considera toda a diversidade cultural da existência indígena e, com isso, tal apagamento leva ao enfraquecimento da identidade dos povos tradicionais perante a sociedade brasileira na totalidade.

Dessa maneira, Arruda (2001) ressalta que as lutas indígenas e pró-indígenas podem ser operadas na perspectiva de práticas colonialistas, que decorrem em alguns apagamentos de especificidades culturais e na reprodução de estereótipos. Esse movimento se dá principalmente nas mídias tradicionais. Em contrapartida, Neves *et al.* (2003, p. 19) formulam que “as identidades indígenas se forjam na internet a partir de enunciados verbais e visuais mediados” pelos próprios sujeitos indígenas.

Nesse cenário, algumas iniciativas de ocupar o espaço da comunicação foram acontecendo. A primeira experiência radiofônica dos povos originários do Brasil foi o *Programa de Índio*, apresentado por Ailton Krenak e Álvaro Tukano, esteve no ar na rádio USP entre 1985 e 1991. Neste período, em 1986, o projeto *Vídeo nas Aldeias* (VNA) iniciava, parte das ações do Centro de Trabalho Indigenista, tinha como principal objetivo apoiar as lutas dos povos indígenas, e começou com a prática de Vincent Carelli de filmar os indígenas nas comunidades e deixá-los assistir os vídeos. Começou com o povo Nambiquara, e gerava uma mobilização coletiva. De acordo com o VNA, reconhecendo o “potencial que o instrumento apresentava, esta experiência foi sendo levada a outros grupos, e gerando uma série de vídeo sobre como cada povo incorporava o vídeo de uma maneira particular”

A primeira formação em vídeo do VNA aconteceu em 1997, entre o povo Xavante. A partir de então, os produtos audiovisuais foram importantes em alguns momentos, como no reconhecimento dos indígenas isolados de Corumbiara, que até mesmo a FUNAI

se recusava a reconhecer a existência e partir de filmagens divulgadas nacionalmente na TV, foram reconhecidos. A regularização da TI Raposa Serra do Sol também contou com uma série de vídeos que foram importantes para a campanha.

As iniciativas tanto audiovisuais como em mídia sonora continuam a acontecer, contando desde os primeiros anos do século XXI com o uso da internet para a criação de sites informativos, a criação de perfis de organizações indígenas para divulgação de ações e demandas, a veiculação de documentos de denúncia, como a carta dos Guarani-Kaiowá, em 2012, que mobilizaram desde indigenistas com intimidade sobre a luta dos povos indígenas, até pessoas notáveis, como artistas, jornalistas, entre outros.

Esse movimento de apropriação das mídias permite que os povos indígenas ocupem um local de protagonismo ao realizarem sua própria produção de conteúdo, como é possível verificar nos exemplos das iniciativas citadas. Pereira (2010) reforça que tais movimentos são expressivos e capazes de quebrar a imagem negativa que foi construída a partir do relato dos dominadores europeus, endossada ao longo de todo o processo de colonização do Brasil e fortemente marcadas na história do país.

Isso porque a possibilidade de eles se auto-representarem está nitidamente associada à apropriação dessas tecnologias comunicativas de representação e significação. Portanto, a mudança de posição de “representação sobre eles” para a “auto-representação” depende necessariamente da apropriação e da interação das/com as tecnologias cognitivas. Transformação tecnológica e comunicativa que ocorre no modo como eles se vêem e são vistos, no imaginário e na memória. (PEREIRA, 2010, p. 71)

A autorrepresentação vai de encontro a uma imagem estereotipada construída e alimentada pelos não-indígenas, possibilitando uma quebra nesse imaginário social limitado. Além da quebra de um senso negativo, tal movimento contribui para a disseminação da identidade cultural tão antes sufocada, assim como mobiliza a comunidade dos povos indígenas e desenvolve diretamente seu potencial de circulação de informação.

### **Apontamentos sobre mídia sonora indígena**

O *podcasting* é um formato sonoro que permite uma produção descentralizada e que se tornou acessível aos diversos segmentos sociais em função do aprimoramento tecnológico, além de representar uma vivência auditiva e estética nova, diferente da

escuta radiofônica (ASSIS, 2012). A pesquisa de Comportamento Emergentes, realizada pela Globo em parceria com a Kantar IBOPE Media, mostra que 57% da população brasileira ouviu programas de áudio em formato digital no último ano, e 31% ouviram mais do que antes (GLOBO, 2021).

Dentre os “formatos favoritos”, os segmentados por narrativas e/ou histórias reais, ocupam o segundo lugar, com 39%. O podcast *Papo de Parente*, por exemplo, aloca-se neste eixo. Em relação ao consumo, 16% estão nas plataformas todos os dias e 43% em três dias na semana. Ainda com base no estudo, o Brasil está na 5ª posição mundial dos países que mais crescem na produção da mídia (GLOBO, 2021).

No que tange a comunicação indígena, algumas iniciativas de ocupar um espaço de fala na sociedade, foram acontecendo. O *Programa de Índio* foi a primeira experiência radiofônica dos povos originários do Brasil, apresentado por Ailton Krenak e Álvaro Tukano, e esteve no ar entre 1985 e 1991, com mais de 200 edições. O programa era produzido pelo Núcleo de Cultura Indígena, transmitido pela Rádio USP e outras rádios educativas, e se configurou como um espaço para que indígenas conduzissem os debates.

Os dois apresentadores abordaram questões como o território, organizações políticas, e durante o período do programa, o processo da Constituinte<sup>5</sup>. Nesse momento, enquanto Krenak e Tukano falavam de direitos caros aos povos indígenas que poderiam ser assegurados pela Constituição, a mídia tradicional conduzia uma campanha contrária, a exemplo da série de publicações do jornal *O Estado de São Paulo* (1987) que acusava os povos originários de serem ameaças à soberania nacional.

As iniciativas de programas em mídia sonora, a partir disso, continuaram a acontecer. Primeira webrádio indígena do Brasil, a *Yandê* está no ar desde 2013. Idealizada por um grupo de indígenas de diferentes povos e na programação prioriza músicas produzidas pelos povos, programas próprios e conteúdos externos, como boletim de áudio Wayuri, edições do *Programa de Índio*, entre outros.

Na podosfera, o primeiro podcast voltado para os povos indígenas é o *Copiô, Parente*, produzido desde março de 2017 pelo Instituto Socioambiental (ISA), organização não-governamental atuante junto aos indígenas e populações tradicionais. O programa é de curta duração, e há participação de indígenas para comentar, informar e dar depoimentos. O podcast está disponível em diversos agregadores, é transmitido em

---

<sup>5</sup> Mobilização dos povos indígenas e aliados para garantia de direitos, na Assembléia Nacional Constituinte (ANC), que ocorreu entre 1987 e 1988, no Brasil.

rádios da região amazônica e também é enviado via *WhatsApp* para mais de 3 mil pessoas cadastradas na lista de transmissão, entre indígenas e não-indígenas.

As organizações indígenas de todo o país têm figurado nas produções de vídeos, fotografias e também de produtos de mídia sonora, contando com o interesse da juventude pelas tecnologias de comunicação e informação, e apoio de ONGs e fundações para realizar oficinas e formações com a comunicação como tema principal. Um exemplo é o Boletim de Áudio da Rede Wayuri, idealizado e executado pela Rede de Comunicadores Indígenas do Rio Negro, a Rede Wayuri. No ar desde 2017 e atualmente na 104ª edição, o boletim de áudio é resultado do trabalho de indígenas de oito povos: Baré, Baniwa, Desana, Tariana, Tukano, Tuyuka, Wanano e Yanomami.

A equipe é composta por cerca de 20 pessoas com ocupações diversas além da comunicação, e em 2022 realizaram a 4ª oficina de capacitação. A Rede Wayuri é parte da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), que tem sede na “cidade mais indígena do Brasil”, São Gabriel da Cachoeira - AM. As iniciativas da FOIRN e da Rede Wayuri foram apoiadas pela União Europeia, a Fundação Rainforest, e outras organizações internacionais, além das parcerias com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Rádio Yandê e o site de notícias Amazônia Real. Em 2021, o coletivo foi reconhecido pela ONG Repórteres Sem Fronteiras como “Héreis da Informação”<sup>6</sup>, devido à dedicação em produzir conteúdos sobre a Covid-19 para mais de 750 comunidades, falando nas línguas indígenas para veiculação na radiofonia da FOIRN, via internet e também em carros de som.

Em 2019, em virtude da campanha “*Sangue Indígena: Nenhuma gota mais*”, uma delegação formada por lideranças de todas as regiões do Brasil se deslocou para países da Europa para denunciar as violações aos direitos indígenas perpetradas pelo governo de Jair Bolsonaro, e para atualizar integrantes do movimento indígena e apoiadores não-indígenas, foi produzido um podcast com 11 episódios de curta duração, relatando as agendas e diálogos em cada país.

O canal de podcasts do povo Awaeté-Asurini, o *Janeraka*, disponibilizou em 2020 e 2021 alguns produtos de mídia sonora, voltados principalmente para contar sobre o processo de contato com não-indígenas, que aconteceu na década de 1970, sobre os

---

<sup>6</sup> OS HERÓIS da informação em tempos de coronavírus. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/os-her%C3%B3is-da-informa%C3%A7%C3%A3o-em-tempos-de-coronav%C3%ADrus-o-jornalismo-pode-salvar-vidas>.

saberes dos mais velhos, de como o mundo foi criado a partir da narrativa Awaeté, entre outros temas.

O povo Awaeté, nesse contato, teve sua população reduzida para 52 indivíduos. Atualmente, são cerca de 300 indivíduos, e a geração de filhos destes sobreviventes utiliza o podcast para fazer ouvir a história do povo Awaeté. Os podcasts são parte de uma série de ações comunicacionais como documentários, exposições, vídeos, oficinas, imersões e intercâmbio entre povos da mesma região, principalmente apoiados financeiramente por editais de fomento à cultura e comunicação indígena, nacionais e internacionais.

A Comissão Pró-Índio do Acre (CPI-Acre) é uma instituição que atua diretamente com os povos indígenas da região e principalmente desde o início da pandemia de Covid-19, apoia iniciativas de comunicação via mídia sonora. Os podcasts *Mulheres Indígenas em Movimento e Atenção, Txai!* são dois dos produtos apoiados pela CPI em parceria com os povos indígenas e outras organizações não-governamentais, como coletivo de professores indígenas e coletivo de mulheres indígenas, além de contar com a presença de especialistas para conduzir os assuntos nos programas.

O Itaú Cultural produz o *Mekukradjá - Círculo de Saberes*, com apresentação de Daniel Munduruku e participação de indígenas com destaques na atuação política, saúde, comunicação, como a liderança do povo Munduruku, Alessandra Korap, a apresentadora do podcast Papo de Parente, Célia Xakriabá, o ex-vereador Paulinho Paiakan, a liderança mais conhecida do povo Suruí, Almir Suruí, a coordenadora da organização das mulheres indígenas da Amazônia brasileira, Telma Taurepang, artistas indígenas, como a cineasta Kusaesage Kaiabi e a rapper Katu Mirim, entre outras participações.

Durante a pandemia de Covid-19, os produtos em mídia sonora foram utilizados ainda para divulgar ações de prevenção e combate ao coronavírus, atualizar sobre os números da pandemia em todo o país, incluindo informações em português e em línguas indígenas, como os áudios produzidos pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR) em parceria com a AVAAZ e o Programa de Valorização de Línguas e Culturas Indígenas de Roraima (PVL CIR), em seis línguas indígenas de povos do estado de Roraima: Wapichana, Macuxi, Taurepang, Yanomami, Ye'kuana e Wai Wai, com o objetivo de sensibilizar para a importância da vacinação.

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), produziu a partir do ano de 2020 informativos em áudio, principalmente sobre os números das infecções e óbitos por Covid-19 na Amazônia brasileira. Entretanto, essa organização



promove parcerias e capta recursos para a formação de comunicadores indígenas, que participam de iniciativas para produção de materiais em áudio, vídeos, fotografias e fortalecem as atividades culturais nas aldeias, rituais, cerimônias, reuniões, no artesanato e artes, entre outros momentos nas comunidades.

Mesmo durante a pandemia, a COIAB desenvolveu um trabalho conjunto de enfrentamento à Covid-19, o Povos Indígenas da Amazônia Contra a Covid-19 (PIACC), que se desenvolveu em quatro eixos, com a doação de itens de higiene, fortalecimento da rede de jovens comunicadores indígenas, promoção da saúde mental indígena e ações de proteção à criança, jovem e mulher indígena.

É válido ressaltar que os produtos comunicacionais do movimento indígena em geral são parte de uma teia de ações, projetos mais abrangentes, esforços que envolvem a captação de recursos para aquisição de equipamentos de gravação, filmagem e rede de internet. Além da sensibilização de pessoas a participarem da construção desses conteúdos, entender a importância de criar conteúdos que se originam nas comunidades indígenas, até a partilha de experiências, modos de fazer, técnicas e profissionais cada vez mais habituados à produção.

As iniciativas das organizações indígenas são compartilhadas, com a presença de um mesmo comunicador em eventos e formações distintas, ou até mesmo na equipe de outros produtos, a exemplo do comunicador Ray Baniwa da Rede Wayuri, que já compartilhou as experiências com Conselho Indígena de Roraima (CIR), com a Federação dos Povos Indígenas do Pará (Fepipa) e em Brasília durante o Acampamento Terra Livre (ATL), quando produziu episódios de podcast sobre os participantes do acampamento em parceria com a equipe do *Copiô, Parente*.

Outras iniciativas acerca de mídia sonora indígena são notadas em podcasts vinculados às instituições de ensino superior. Os programas *Culturas Indígenas do Brasil* e *Pelos Mundos Indígenas* são ações das Universidades Federais de Minas Gerais (UFMG) e Ouro Preto (UFOP), respectivamente, cuja proposta central é promover cultura, educação e valorização dos povos.

Já o podcast *Ecoa Maloca*, surgiu da necessidade de estabelecer não somente diálogos acerca da cultura indígena, mas, também, abordar sobre ciência, sustentabilidade e diversidade entre os estudantes indígenas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a comunidade universitária em geral. A equipe do *Ecoa Maloca* é formada

por profissionais da Comunicação, Biologia e Física, e discente de Engenharia e Jornalismo.

O *Voz Indígena* é uma série de conteúdo sonoro produzida por alunos da Universidade de Brasília (UnB), para “conversar com indígenas, mostrar seus trabalhos, sejam artísticos ou sociais. Dar voz a lutas e causas que as pessoas estivessem a frente”<sup>7</sup>, comenta Helder Rabelo de Araújo, um dos integrantes do projeto de extensão, com Cristian Wari'u Tseremey'wa.

Diante deste panorama que abrange algumas das produções em áudio feitas por indígenas e com indígenas, é importante ressaltar que, partindo das organizações do movimento indígena, esses conteúdos integram uma estratégia maior de ocupar espaços de comunicação para pôr em pauta assuntos importantes para garantir os direitos indígenas. Seja pela informação apurada e repassada às comunidades nas línguas indígenas, ou nos produtos voltados a comunicar para uma rede externa, que propõem aos ouvintes.

### Percurso metodológico

A Análise Audioestrutural do Podcast (SILVA, 2022) surge como uma ferramenta metodológica para a apuração desta mídia sonora. A metodologia propõe uma hibridização dos aspectos quantitativos e qualitativos para o desenvolvimento da pesquisa, visando a estrutura do programa, as fontes usadas e o conteúdos.

**Quadro 1:** Categorias e unidades da Análise Audioestrutural do Podcast

<b>Estrutura do Podcast</b> <i>Objetivo: montar o perfil do programa</i>	
<b>CATEGORIA</b>	<b>UNIDADE</b>
<b>Ano</b>	período correspondente a criação do projeto
<b>Estrutura</b>	relato, debate, narrativa da realidade, entrevista, instrutivo, narrativas ficcionais, noticioso e remediado
<b>Espaço de circulação</b>	exclusivo; multiplataforma
<b>Tipo</b>	por temporada; temporada única; sem definição
<b>Periodicidade</b>	diário; semanal; quinzenal; mensal; sem definição

<sup>7</sup> Entrevista concedida à rádio Frei Caneca 101.5 FM, em abril de 2020. Disponível em: <http://freicanecafm.recife.pe.gov.br/voz-indigena-lab-101>. Acesso em: 28 jan. 2022.

<b>Apresentação</b>	identificar os apresentadores do programa
<b>Participação</b>	espontânea simples; espontânea ampliada; espontânea imediata
<b>Expansão</b>	blog/site; rede social; youtube - completo ou adaptado
<b>Duração</b>	curta; média; longa
<b>Design do Programa</b>	capas temáticas ou padrão; vinheta/música original ou não
<b>Associação à</b>	empresa; universidade; ONG; independente
<b>Fonte do Episódio</b> <i>Objetivo: organização e acionamento das fontes no episódio</i>	
<b>CATEGORIA</b>	<b>UNIDADE</b>
<b>Tema/Título</b>	relacionado ao que será investigado no objeto
<b>Identificação do Episódio</b>	descrição personalizada; padrão; sem identificação
<b>Fonte</b>	identificação dos convidados
<b>Classificação da Fonte</b>	oficiais, empresariais, institucionais, testemunhais, populares, especialistas e notáveis
<b>Do que se trata esse conteúdo</b> <i>Objetivo: identificação dos pontos-chave do conteúdo</i>	
<b>CATEGORIA</b>	<b>UNIDADE</b>
<b>Análise do material</b>	análise descritiva e analítica
<b>Contextualização do material</b>	dimensão social; cultural; política; econômica; histórica e suas inter-relações

Fonte: SILVA, 2022.

Para complemento, realizamos uma entrevista com Tukumã Pataxó (povo do extremo sul da Bahia), um dos integrantes do Papo de Parente, em 13 de abril de 2022, no acampamento Terra Livre, em Brasília (DF). Duarte (2005), compreende a entrevista como um fenômeno capaz de descrever e perceber diversas situações. No delineamento qualitativo, utilizamos questões semiestruturadas para uma entrevista semiaberta, baseada em roteiro, visando uma abordagem em profundidade.

## Análise do podcast *Papo de Parente*

A voz conecta o ouvinte com o mundo e por meio do espaço sonoro, o *Papo de Parente*, viabiliza essa relação, transportando para outros sujeitos em forma de relato, uma narração que promove informação sobre um conteúdo de interesse pessoal ou de nicho (VIANA; CHAGAS, 2021). Para Paxató (2022) “não só o podcast, mas qualquer outra plataforma ou meio de comunicação é importante estar ocupando para nossas vozes ecoarem cada vez mais longe”.

Lançado em setembro de 2021, como uma produção original da Globo, o programa em análise está disponível em apenas dois agregadores: Globoplay e o Deezer. A construção da programação é identificada por temporada única (sazonal ou temática), visto que os episódios iniciaram em 30 de setembro de 2021 e encerraram em 18 de novembro do mesmo ano. Durante o período, as publicações ocorreram semanalmente.

Os apresentadores são os porta-vozes dos “parentes”. Célia Xakriabá, retrata o local e cultural, enquanto Tukumã Pataxó, no quadro “Receitas da Terra”, compartilha os saberes gastronômicos. O material produzido é expandido para o site do Gshow. Nas redes sociais dos integrantes, os conteúdos são inseridos no formato de notificação/comunicado de mais um episódio disponível. Paxató (2022) observa tal expansão como algo relevante, visto que esta ação é “super importante trazer um significado para as pessoas que estão nos acompanhando”.

A participação no *Papo de Parente* ocorre de forma espontânea ampliada, representando uma presença desse ouvinte nos episódios. Lopez e Quadros (2015) reforçam que a dinâmica pode acontecer dentro e fora do ambiente sonoro. Logo na abertura, Xakriabá reforça que o podcast em questão “é uma caixinha de perguntas que cria interação, sempre recebendo convidados, respondendo todas as perguntas, sobre vários temas e curiosidades” (PAPO DE PARENTE, 2021). Quanto aos convidados, Paxató (2022) expressa que “até para as pessoas que foram convidados é algo muito novo. Elas estão acostumadas a convidar a gente para poder falar, e lá é a gente tá convidando”.

O programa possui uma duração média de entre 18 e 29 minutos, que na classificação da ANCINE (2002), pode ser entre 15 a 70 minutos. Já o *design* de imagem segue de forma padrão, uma vez que se altera somente o título, mas não o visual. O sonoro segue a linha original, produzido por Djuena Tikuna.

Quadro 2: Estrutura do Podcast

CATEGORIA	UNIDADE
<b>Estrutura</b>	narrativa da realidade
<b>Plataforma</b>	multiplataforma
<b>Tipo</b>	temporada única
<b>Periodicidade</b>	semanal
<b>Apresentação</b>	Célia Xakriabá e Tukumã Pataxó
<b>Participação</b>	espontânea ampliada
<b>Expansão do Podcast</b>	blog/site
<b>Duração</b>	média
<b>Design de Imagem</b>	capa padrão
<b>Design Sonoro</b>	vinheta/música original
<b>Associação à</b>	empresa

Fonte: As autoras (2022).

Na categoria estrutura dos episódios, foi possível identificar temas variados: linguagem, política, esporte, cultura, culinária, ensino e medicina. Em cada um dos programas, os assuntos eram tratados em tempo integral, com blocos, porém sempre no mesmo eixo. O episódio #5 - Crescer, pintar e festejar, por exemplo, está voltado para a identidade indígena, as perguntas realizadas demarcaram três momentos: origem dos nomes (povos e pessoas), rituais de passagem e pinturas corporais.

Durante a temporada, foi possível observar que as pautas não se repetiam. E, em cada episódio, os textos de apoio eram personalizados, ou seja, uma descrição adaptada para cada programa. No episódio sobre saúde e medicina, a apresentação é a seguinte: “Um mergulho no universo das terapias indígenas para as mulheres, a importância das parteiras e ainda as ações dos povos indígenas no combate à pandemia” (PAPO DE PARENTE, 2021).

Em relação às fontes, identificamos um padrão no quesito quantidade de convidados. Para cada programa, três personalidades notáveis da comunicação e cultura brasileira eram direcionadas, sendo: Caetano Veloso, Letícia Sabatella e Lucas Penteado; Pedro Luis, Lenine e Alok; Rodrigo Pandolfo, Natuza Nery e Guilherme Amado; Tadeu

Schmitt, Evandro Mesquita e Fernando Fernandes; Marcos Palmeiras, Reynaldo Gianecchini e Renata Lo Prete; Bela Gil, Fernando Meirelles e Tico Santa Cruz; Lázaro Ramos, Eliane Brum e Ana Furtado; Renata Ceribelli, Drauzio Varella e Raul Santiago.

Quanto à análise do material, compreendemos três grandes aspectos. O primeiro é a linha histórica de cada episódio, onde os apresentadores se debruçam em narrativas acerca da origem dos povos, passando por apresentar os esportes praticados nas comunidades, até o cunho medicinal usado nas aldeias. Temáticas necessárias para uma expansão e conexão dos saberes indígenas para os não-indígenas.

Em segundo momento está o alcance. Paxató (2022) “não esperava [tamanho visibilidade] e estamos muito felizes com isso. Foi o primeiro podcast [indígena] na plataforma, então, foi um passo muito grande para abrir novas oportunidades para outros indígenas”. O terceiro ponto são as perguntas realizadas em cada episódio. O *Papo de Parente* trata-se de um “podcast para indigenizar o Brasil” (SOBRE, s.d.), e isto reflete tanto nas perguntas realizadas, quanto no que é respondido. As perguntas partem do conhecimento e das narrativas construídas por um sistema que invisibiliza os indígenas, que não compreende as diferenças entre os povos e ainda, a relação dos indígenas com o território.

Ou seja, uma forma didática de educar quem está ouvindo. Com isso, as narrativas abordadas em cada programa, descortinam o que é veiculado na sociedade sobre o que é ser indígena, o que é ser parente e criam laços acerca dos conhecimentos nativos.

### **Considerações finais**

O podcast *Papo de Parente* integra uma gama de iniciativas promovidas pelos povos indígenas em mídia sonora com os objetivos mais diversos. Esses produtos vão desde informar os povos indígenas corretamente e facilitada, com os áudios nas línguas nativas dos povos e, ainda, estabelecer uma comunicação de indígenas para não-indígenas. A comunicação, seja em áudio, vídeo, fotografias e demais suportes, com a divulgação principalmente na internet, é um tema recorrente nas discussões do movimento indígena, com o desenvolvimento de projetos de capacitação, além da rede de comunicadores que se conecta, a exemplo dos espaços destinados para o intercâmbio de experiências nos grandes eventos como o Acampamento Terra Livre, que reserva espaço na programação para os comunicadores.

Há de se destacar que o *Papo de Parente* reforça questões que vão muito além daquelas retratadas nos meios de comunicação tradicionais, que por muitas vezes só pautam a questão indígena em situações de violência. O programa analisado nesse artigo aborda temáticas relacionadas à cultura dos povos, com programas focados em situações que tangem a história, saberes, hábitos, dia a dia, questões políticas e entre outros temas relevantes. Além de se solidificar como uma iniciativa que fortalece a voz da comunidade, o *Papo de Parente* promove a expansão da identidade indígena a partir da autorrepresentação feita nos programas do podcast.

## Referências

ARRUDA, R. S. V. Imagens do índio: Signos da Intolerância. In: GRUPIONI, L. D. B; VIDAL, L.; FISCHMANN, R. **Povos indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001 (Seminários 6; Ciência, Cientistas e Tolerância II). p. 43-62.

ASSIS, P. **O Imaginário do áudio e o podcast: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná.

BORGES, P. M. B. Violência e apagamento da voz indígena no Brasil - o caso Yanomami. **Literatura e Autoritarismo** (UFSM) , v. 16, p. 158-172, 2016.

BRASIL. Ministério da Cultura. Agência Nacional de Cinema (ANCINE). Minuta de in para classificação de empresa brasileira, produtora independente de obra audiovisual.

CARDIM, F. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1548.

COMPORTAMENTO Emergentes: podcasts e a crescente presença entre os brasileiros. **GLOBO**, 2021. Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crescente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

CRESCER, pintar e festejar. Entrevistadora: Célia Xakriabá. [S.l.]: Papo de Parente, Globoplay, 28 out. 2021. Episódio 5. Podcast. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/episode/papo-de-parente/a711be8a-b16e-4f29-8675-3212e0d8c96c/>. Acesso em 28 jan. 2022. Disponível em: <http://sad.ancine.gov.br/consultapublica/manterDocumentoMDAction.do?method=detalle&idNorma=23>. Acesso em 08 jan. 2022.

FAVERO, L. L. **A política linguística na América Latina colonial e as línguas gerais**. In: VIII Congresso de Linguística General, 2008, Madrid. Anais del VIII Congresso de Linguística General. Madrid: Antonio Moreno Santoval, 2008. v. 01.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico: 1991 - resultados do universo relativos as características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro, 1991, ISSN: 01043145.

LOPEZ, D. C.; QUADROS, M. R. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, vol. 22, núm. 3, julho-septiembre, 2015, p. 164-181. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

NEVES, I; CORRÊA, M. N; TOCANTINS, R. A. A invenção do índio na mídia: silenciamentos, estereótipos e pluralidades. **Moara – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**. ISSN: 0104-0944, v. 2, n. 40, p. 05-21, 2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Índios, o caminho para os minérios. **O Estado de São Paulo**, p. 4, 13 ago. 1987.

O REMÉDIO que está na floresta. Entrevistadora: Célia Xakriabá. [S.l.]: Papo de Parente, Globoplay, 18 nov. 2021. Episódio 8. Podcast. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/podcasts/episode/papo-de-parente/551b2649-fa6f-4f34-b0a8-64c0f0f0f5f5>. Acesso em 28 jan. 2022.

PARENTE. In: **ADELCO: Glossário Político Indígena**. Disponível em: [https://adelco.org.br/outros\\_documentos/glossario-politico/](https://adelco.org.br/outros_documentos/glossario-politico/). Acesso em: 07 jan. 2022.

PATAXÓ, T. Entrevista concedida a Isabel Maria Lima de Sousa, no acampamento Terra Livre, em Brasília (DF), em 13 abr. 2022.

PEREIRA, E. S. Mídias Nativas: a comunicação audiovisual indígena - o caso do projeto Vídeo nas Aldeias. **Ciberlegenda** (UFF. Online) , v. 1, p. 61-72, 2010.

PODCAST indígena ‘Papo de Parente’ estreia no Globoplay. **GLOBO**, 2021. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/programas/podcast/textos/podcast-indigena-papo-de-parente-estrela-no-globoplay/>. Acesso em: 07 jan. 2022.

PODPESQUISA Produtores 2020-2021. **ABPOD**, 2020. Disponível em: [https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021\\_Abpod-Resultados.pdf](https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultados.pdf). Acesso em: 07 jan. 2022.

RODRIGUES, A. D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 9, n. 1, 1993.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SOBRE. Papo de Parente. [s. d]. Disponível em: <https://www.deezer.com/br/show/3023262>. Acesso em: 07 jan. 2022.

SILVA, G. N. **As fontes no podcast Mamilos: uma proposta de análise audioestrutural**. 2022. 135f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Maranhão.



VIANA, L.; CHAGAS, L. J. V. Categorização de podcasts no Brasil: Uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. *In: XIII Encontro Nacional de História da Mídia*, Juiz de Fora - MG, agosto de 2021.